

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 24 – Janeiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/12/2019

MPB E ROCK AND ROLL: MOVIMENTOS CONTRACULTURAIS.

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

PG/UEMS

Ravel Giordano de Lima Faria

UEMS

Resumo: Artistas como: Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé e outros representantes do movimento da Tropicália marcaram, profundamente, a sociedade brasileira pelo viés da música. Em perspectiva semelhante, artistas estrangeiros como: Beatles, Led Zeppelin, The Who e The Kinks, também desbravaram fronteira, e se valeram da música como elemento propulsor e norteador para sedimentar o pensamento crítico-revolucionário no âmago social. Sendo assim, são notáveis as duas correntes (MPB e rock) como formas de criticar a realidade. O presente artigo tem por intuito demonstrar a importância dos movimentos artísticos e culturais que orbitam na década de 1960 e, por meio da apresentação de alguns artistas e obras feitas pelos mesmos, constatar a qualidade artística e marco histórico que se consolidou a partir das ações e da sedimentação de tais obras. Nessa perspectiva o intuito da investigação é justamente comparar as duas, buscando em seus íntimos os elementos com maior notoriedade para que se consolide tal ação analítica e, sejam evidenciadas todas as potencialidades e riquezas existentes em seu bojo conceitual.

Palavras-chave: MPB. Rock. Movimentos artístico-culturais. Revolução. Criticidade.

Abstract: Artists such as Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé and other representatives of the Tropicália movement marked profoundly Brazilian society by music bias. By the same token, foreign artists such as The Beatles, Led Zeppelin, The Who and The Kinks, also braved the border, and took advantage of music as a driving force and guiding element to solidify the critical social-revolutionary in core of society. So, are remarkable the two streams (MPB and rock) as ways of criticizing reality. This article is meant to demonstrate the importance of artistic and cultural movements that orbit in the 1960s and through the presentation of some artists and works done by them, noticing the artistic quality and historical landmark which was consolidated from actions and the sedimentation of such works. From this perspective, the aim of research is precisely compare the two biases. And analyze on his intimate elements with the greatest notoriety for consolidating such analytical action and evidence all potential existing wealth in its conceptual bulge.

Keywords: MPB. Rock. Artistic and cultural movements. Revolution. Criticality.

Intróito

Quando se alude à caracterização do que seria uma sociedade nos salta aos olhos toda a gama de representação, e de elementos que são anexados nesse conglomerado. A sociedade passou por vários períodos de intensa transformação até chegar à estrutura social contemporânea. Esse processo trouxe a baila que, o homem para viver em sociedade precisou estipular prerrogativas (padrões e/ou regras) para que todo indivíduo

que ali estivesse inserido, os utilizasse como primazia para se estabelecer nela ou em determinado grupo já delimitado pela mesma.

A polissemia presente no que concerne à estrutura social é algo de uma completude ampla, densa e movediça, justamente, porque ela é subsequência de várias camadas que a completa como um todo. Sendo agregados significados a cada uma de suas peculiaridades, ou seja, a representação real dessa polissemia seria a própria construção do todo cultural.

Nessa perspectiva, Santos (s/d. p. 31) salienta que, “cultura inclui ainda as maneiras como esse conhecimento é expresso por uma sociedade, como é o caso de sua arte, religião, esportes e jogos, tecnologia, ciência, política”. Ou seja, o agrupamento das ações (peculiaridades) sociais, que caracterizam determinado grupo de indivíduos como uma sociedade, com suas especificidades e outras que serão agregadas pelo convívio próximo a outras culturas.

Ainda nessa perspectiva, Santos (s/d. p.27-8) adverte que é preciso que se tome cuidado ao se analisar a cultura de alguns países, pois, existem fragmentos históricos que são imprescindíveis para a decodificação dessa entidade. Isso claro, situando a cultura observada como objeto a ser analisado. Ainda segundo o mesmo autor: “cultura surge como marca das camadas dominantes da população de uma sociedade”. Essas marcas de dominação serão decompostas mediante a inserção de elementos históricos, que servirão como engrenagens deflagradoras das mesmas.

Por conseguinte discutir sobre cultura implica sempre argumentar sobre o processo social de forma concreto, ou seja, olhando diretamente para a realidade existencial de dada sociedade, exatamente porque nos salta aos olhos que a cultura não é engessada, e, a mudança é um elemento fundamental da realidade sociocultural. E será essa realidade (pensando na mesma como objeto de análise), que se apresentará carregada de significados e significantes, guiando por suas veredas até seu entendimento e, posteriormente, sua parcial decifração. Na perspectiva analítico-decifrativa, Santos salienta que:

Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, como por exemplo, se poderia dizer da arte. Não é apenas uma parte da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde existe. Entendida dessa forma, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que a ela exista em alguns contextos e não em outros. (...) é uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade. (SANTOS. S/D. p. 33)

Assim, ao se deparar com questões sobre cultura, deve-se sempre ter em mente que cada vertente constituinte da mesma seja: musical, literária, costumes, política entre outras, deve ser analisado de forma ímpar dentro de um contexto e/ou recorte temporal, tendo ciência que, o contexto é de vasta imensidão significativa e alicerçar. Ou seja, cultura diz respeito a um universo que possui inúmeras particularidades. Sendo assim, tudo que quantifica e qualifica a existência social, sendo pensada de formas nucleares ou gerais, por menor que seja a sociedade, assim como grupos que se encontram amalgamados dentro de qualquer estrutura social, possuem características existenciais particulares que devem ser levadas em consideração, em caso de se tornarem objeto de análise de qualquer perspectiva teórica.

1. Rock And Roll: Revolta Conteudística.

A busca pela liberdade e a luta das classes sociais, o processo como um todo, trazem à baila as mudanças que a sociedade passou (e ainda passa) durante determinados períodos e, não somente isso, como também, expõe os fatores que ficam arraigados em seu subsequente progresso.

A sociedade nacional tem classes e grupos sociais, tem regiões de características bem diferentes; a população difere ainda internamente segundo, por exemplo, suas faixas de idade, ou segundo seu grau de escolaridade. (...) a população nacional foi constituída com contingentes originários de várias partes do mundo. (...) é importante considerar a diversidade cultural interna à nossa sociedade; isso é de fato essencial para compreendermos melhor o país em que vivemos. Não só por que essas diferenças são feitas de ideias; ela está também relacionada com as maneiras de atuar na vida social (SANTOS. s/d. p. 18).

A cultura é pura efervescência como se pode observar segundo Santos, isso quer dizer que, ela mesma produz os elementos incitadores de dominações, assim como os elementos dicotômicos em seu núcleo existencial. Cada cultura procura se definir e buscar por benefícios, e são esses que asseguram sua hegemonia. Por esse segmento constatam-se movimentos que a mídia (Estadunidense) caracterizou como: contracultura (ou contraculturais), assim como salienta Watts:

Contracultura evoca imagens de um capítulo particular da história americana. Nós a associamos ao movimento Beat, à década de 1960 e ao infame Verão do Amor. Também vêm à mente o movimento da Liberdade de Expressão, os militantes Yippies e as drogas psicodélicas. Todos foram sintomáticos do crescimento consenso entre os jovens de que a cultura predominante estava indo na direção errada (WATTS, 2002.p. 7).

Desde o nascimento do capitalismo, a sociedade se transformou em uma maquinaria que visa lucros, segundo o olhar de uma minoria bem afortunada, isso pensado por uma perspectiva que possui o pé no Marxismo. À medida que uma camada menos favorecida da sociedade foram sendo escravizadas, ocorre uma reiteração de seus quereres e uma aproximação de seus ideais, segundo Pereira.

Começa ficar mais claro que aquele conjunto de manifestações culturais novas não se limitava a estas marcas superficiais. Ao contrario, significava também novas maneiras de pensar, modos diferentes de encarar e de ser relacionar com o mundo e com as pessoas. Enfim, um outro universo de significados e valores, com suas regras próprias (PEREIRA, S/D. p.65).

A primazia que demonstra essa insatisfação com o rumo que a sociedade estava tomando, são os movimentos hippies (como também, os Punks entre outros que se constituem subsequentemente), que foram umas das primeiras projeções desse olhar antagônico de que por aquele segmento as coisas não seriam viáveis.

Embasado na primazia de outro universo de significados e valores, com regras próprias e seus por menores, assim como salienta Pereira, é que são asseverados movimentos, (contraculturais) primários como: Paz e amor, Paradise Now, Desbunde, Desrepressão, Revolução Individual, You are what you Eat, Aqui e agora, É proibido Proibir, Flower Power, Turn in and Drop out. Posteriormente, agregando uma série de fatores econômicos, sociais e culturais, nascem mais um singular movimento representativo do contracultural os – Punks –.

Podemos compreender contracultura da seguinte maneira: como um fenômeno histórico concreto e particular, cuja origem pode ser localizada nos anos 60; e como uma postura, ou até uma posição, em face da cultura convencional, de crítica radical (PEREIRA, S/D, p.69).

A própria existência do ser humano sempre foi marcada por suas projeções representativas da realidade em que vive, e a cultura conforme Pereira (2002, p.69) “é um produto histórico, isto é, contingente, mais acidental do que necessário, uma criação arbitrária da liberdade – cujo modelo supremo é a arte”, ou seja, o ramal primário da representatividade humana.

A contracultura foi certamente propiciada pelas próprias doenças de nossa cultura tradicional. Tais doenças condicionaram seu surgimento, como um antídoto, ou anticorpo, necessário à preservação de um mínimo de saúde existencial, que passou a ser socialmente exigido pelo próprio instinto de sobrevivência de nossa vida em comum. O pensamento do século XIX tentou diagnosticar essa doença de diferentes maneiras. Chama-se ‘alienação’, de Marx – e ‘neurose’, em Freud. No marxismo, é o resultado psicológico da exploração econômica; na psicanálise, o produto da repressão dos instintos. Há de ser ambas as coisas – e mais ainda. (PEREIRA, S/D. p.71)

Por essa óptica a primeira hipótese é representativa, ou seja, um ponto dentro da grade dos acontecimentos histórico-existencial e consolidado por uma perspectiva do desenvolvimento econômico, sendo salientado pela exploração dos indivíduos, para consolidar o desenvolvimento econômico-social. Na segunda hipótese é a representação das disfunções psíquicas do indivíduo que, por repressão perde a noção de seus valores, tanto valores dele como ser humano, como também, seus princípios se tornando massa de manobra por causa dessa alienação profunda em sua mente.

A contracultura combatia a desagregação dessa alienação profunda dos indivíduos. Buscava dentro das possibilidades, concretizar o indagar filosófico, a internalização do elemento questionador que possibilita a consolidação da crítica à realidade, assim como, o elevamento da criticidade interna do indivíduo que, possibilita que o mesmo não se permita fraquejar e consiga perceber sua posição como sujeito transformador de sua realidade, assim como, conhecedor de seus direitos e deveres. Em sentido amplo da palavra, se tornar um ser humano intelectualizado, não permitindo se caracterizar como massa de manobra de uma parcela da sociedade.

O agregamento de inúmeros fatores criou a vertente representacional intitulado contracultura assim como pode ser observado segundo a fala de Pereira (2002). Segundo o mesmo autor o movimento Hippie é um dos marcos iniciais, do combate aos ideais da cultura dominante, dos preceitos que eram imposto por uma

sociedade com inúmeros vícios e desigualdades tanto existencial quanto cultural. Isso mostra claramente, a lucidez desenvolvida pelos movimentos já mencionados como também, pelos seus sucessores.

A cultura Hippie pregava a Paz e o Amor, e ainda preceitos como: *You are what you eat*. E a partir dos conceitos de uma vida mais pueril, desarraigado de preceitos de uma sociedade hipócrita e consumista, como também, de suas mazelas nucleares, eles buscavam o ressarcimento de uma perda básica que era a liberdade e a sua individualidade, assim como é salientado por Pereira (S/D, pg. 71).

O homem se tornava um escravo do sistema, paulatinamente, tanto no plano físico como existencial. Essa perda de liberdade e alienação se caracterizava no que os Hindus intitulavam de Maya.

Maya significa ilusão mágica, arte, jogo. O olho desperto o vê assim; o adormecido o confunde com o real e prende-se em sua teia. Nas teias de Maya, o sujeito vive em um estado de alucinação completa, de absoluta confusão mental. Sua mente conturbada cria uma série interminável de monstruosidades econômicas, sociais, psicológicas e existências. O grande obstáculo é que esse estado onírico, alucinatório, é considerado ‘normal’ por sua própria ótica, que é a vigente; dessa forma, a preservação e mesmo a evolução da doença são asseguradas (PEREIRA, S/D. P.71)

Os hippies cravaram sua marca na estrutura representativa social, sendo representado por Allen Ginsberg, líder e inspirador do movimento Flower Power. Segundo Pereira (S/D, p.80), uma das formas de intervenção se encontra em um de seus poemas, intitulado: *How to make a march/spectable*. “Por sua vez seu (...) poema *Howl* (1956)”. (...) os versos iniciais desse poema – “I saw the Best minds of my generation destroyed by madness”.

A luta contra a representação alucinatória da existencialidade humana, com uma finalidade fútil ou desagregada de valores realmente sustentáveis era o que a cultura Hippie inicialmente combateu, e o que agregado às teorias como de Marx e Freud (entre algumas outras) representam a condensação pautável para tanto a manipulação como também as doenças sócio-existenciais, assim como a luta contra elas.

De fato, a loucura (neurose) foi representada e/ou caracterizada pela aceitação dos padrões e da vida orquestrada por outrem, ou seja, a vida era regida por padrões que foram estipulados e era seguida como “os corretos”, uma vertente atualizada do que aconteceu na Idade Média. Ou seja, uma minoria (no caso da Idade Média: a Igreja), ditando e estruturando padrões, a mesma manipulava e regia praticamente todas as vertentes da vida dos indivíduos, que se encontravam naquela sociedade.

Indubitavelmente, viver dessa forma traria como resultado final a morte representada de forma intelectual (subjativa) e/ou literal, isso foi combatido incessantemente, e a busca por individualidade e liberdade de expressão foram as bandeiras erguidas diante toda essa pressão exercida sobre as pessoas que não aceitavam ser manuseados como se fossem boiada, assim como é salientado por Pereira, em seguida.

Diante de tal sistema altamente repressivo e massificante, uma das características essenciais de toda a contestação da juventude vai ser a ênfase na afirmação da individualidade. (...) no final dos anos 50 e começo dos 60, numa situação de difícil saída. Se, de um lado, rejeitava, cada vez mais com força, seguia canalizar este descontentamento para as formas consagradas

de luta política, por não encontrar neste tipo de contestação respostas as suas respostas a sua nova problemática. (PEREIRA, S/D. P.78)

Com a consolidação de valores revolucionários, acontece a partir da cultura hippie, o desenvolvimento da criticidade, sendo que a mesma era construída do interior para o exterior e, com todas as suas insatisfações e representações de revolução e de novos patamares a serem vividos consolidaram a fragmentação de subsídios, ou seja, a falência dessas sociedades da revolução proletária, nestas sociedades industriais avançadas, é que se transportam para plano real a negação e a revolta violenta contra os “valores” estabelecidos por terceiros, que apenas desejavam e olhavam sua existência já pré-programada com um valor estipulado.

Com toda a gama de acontecimento que a cultura jazia como acontecimentos sociais e econômicos surge à cultura punk, que teve sua maior representatividade na música e, primeiramente, em sua vertente visual. Da cultura já mencionada nasce de seu íntimo o Thrash, outro estilo de rock que com maior peso sonoro, porém, com a mesma carga revolucionária e uma profícua crítica herdada do movimento progenitor do mesmo, assim como salienta Leão (1997).

Emprestando do punk a retórica da mudança (...) o thrash metal foi o mais importante passo dado pelo heavy metal para sua evolução em quase 20 anos. (...) Com o surgimento do thrash, de uma vez só foi reformado o som, o visual e o conteúdo do heavy metal. (...) O thrash metal, marcou um importante momento dentro do heavy metal como um todo. Ele trouxe de volta a postura agressiva e desafiadora dos primeiros anos do gênero, proporcionou mudanças estéticas e musicais. (...) O thrash era ao mesmo tempo uma revisão do heavy metal, uma incorporação dos ideais punks e um amálgama de influências da cena hardcore americana com o contemporâneo death metal e as experiências crossovers de algumas bandas pós-punk. Em suma, um grande liquidificador (LEÃO, 1997, Pg. 153-54).

Na construção e representação interna dos movimentos supracitados os fatores estão ligados diretamente na cultura Hippie. Devido inúmeros filhos de hippies, não terem a figura de seus pais presentes e não poderem contar totalmente com a ajuda dos mesmos, cresceram e se revoltaram contra os mesmos, galgando assim uma nova vertente de contracultura – os Punks –, assim como também, por todo o arcabouço conceitual criado anteriormente.

Inúmeras manifestações surgidas em diferentes campos, como o das artes, com especial destaque para a música, ou melhor, para o rock; o da organização social, aparecendo em primeiro plano à ênfase dada pelo movimento hippie à vida comunitária, na cidade ou no campo; e ainda, o da atuação política. Aqui chamam a atenção tanto o novo estilo de manifestação e intervenção surgido no bojo de toda a cultura psicodélica que os mesmos hippies popularizaram. (PEREIRA, S/D. p.84)

Essa representação intitulada Rock and Roll (rock), é considerada mais que apenas uma vertente da arte, é considerada uma filosofia de vida, e se utilizando disso de uma forma muito particular a contracultura

encontrou uma arma poderosa para poder se representar e, atingir seu foco que era: ferir de forma concisa os ramais da cultura dominante. E a música alicerçou-se como uma arma singular para tal ação imoladora, assim como salienta Pereira.

O rock é um tipo de manifestação que está ligada longe de ter um significado apenas musical. Por tudo que conseguiu expressar, por todo o envolvimento social que conseguiu provocar, é um fenômeno, verdadeiramente cultural, (...) constituindo-se um dos principais veículos da nova cultura que explodia em pleno coração das sociedades industriais avançadas. (...) mas algum tempo antes do rock dos anos 60, um outro ritmo não muito afastado daquele já havia também demonstrado sua enorme capacidade de mobilização social. Era o rock-‘n’-roll, meados dos anos 50, com seu balanço frenético e sensual, seus estridentes acordes de guitarra elétrica e seu fiel e alucinado público jovem (PEREIRA, S/D, p.86).

Constata-se que a força que essa entidade possui, vem sendo disseminada desde a década de 50, nessa época são notáveis nomes como: Chuck Berry, Link Wray, Scotty Moore, Bill Haley, Jerry Lee Lewis, entre tantos outros que tiveram, e ainda tem, se se pensar em todos os músicos que foram e ainda são influenciados pelos mesmos, para que esse segmento cultural tivesse a disseminação na proporção que possuiu e ainda possui.

Essa difusão que obteve o rock and roll, foi construída em uma atmosfera pós-guerra, assim como é salientado por Pereira, e os músicos eram pessoas mais de idade que tocavam para os jovens, isso totalmente amarrado no período dos anos 50. O contrário ocorre nos anos 60 que são jovens tocando para jovens, essa abertura foi bastante utilizada pelo punk, como também, por inúmeros outros gêneros musicais, que completam o significado etimológico da palavra – Rock –. Pois, a partir da década de 60 o rock já se encontra totalmente intitulado e consagrado.

Na consolidação da consagração do Rock, Pereira destaca três nomes dentre os muitos nomes ímpares desse movimento: Os Beatles, Bob Dylan e os Rolling Stones.

Uma coisa é certa: há três nomes que iniciaram, pelo menos em suas grandes linhas, esta verdadeira revolução cultural que a música rock dos anos 60 sintetiza, constituindo-se assim, em referências obrigatórias para quem quiser evocar o “espírito” dessa época. São eles: os Beatles, Bob Dylan e os Rolling Stones. De ambos os lados do Atlântico, o trabalho destas pessoas abria novos caminhos para a música. Mas, além disso, elas eram capazes, principalmente, de encarnar a revolta e as aspirações de toda uma juventude rebelde que via na aliança entre Arte, comportamento e contestação uma nova possibilidade de expressão e sustentação de sua identidade. (PEREIRA, S/D, p.87).

A capacidade que incitava, internamente, os jovens que constituíam a contracultura sentimentos como, por exemplo: a catarse Aristotélica, ou seja, uma descarga emocional. Ao sentir a pulsação forte que o rock possui, os jovens contemplavam a realização dos seus anseios e reivindicações tanto no âmbito real quanto no espiritual, pois, as músicas eram carregadas da figurativização das frustrações, das revoltas e tudo que dentro do âmbito da contracultura era priorizado para a reconstrução da sociedade doentia. O que mais

proporcionava a interação e sensibilidade dos jovens com o contato musical, como também, com todos os elementos contemplativos e sensoriais da música é, justamente, o que Mario de Andrade (1944, pg.13) salienta em sua obra *Pequena História da Música*: “o primeiro contato que temos com a música é o ritmo, o ritmo é o que acentua a qualidade sensorial da música”.

Ao escutar bandas como os Rolling Stones, com sua agressividade no palco e suas letras cheias de rebeldia e retaliação contra a sociedade vigente, ou bandas como The Kinks que trouxe inúmeros aprimoramentos, sendo caracterizadas como uma das bandas a criar o Heavy Metal, com seus riffs como, por exemplo, da música: *You really got me*, assim como, trazer a baila temas que eram tabus na época como: a questão do homossexualismo, dos travestis entre tantos outros, que a sociedade da época deixava como uma incógnita para que não fossem apresentados para juventude, vetando assim todas as possibilidades que não as criadas por eles mesmos.

A imagem dos Rolling Stones era de uma rebeldia agressiva, alucinada, até mesmo temível. Homossexualismo, uso de drogas, escândalos, acidentes nos shows, conflitos e choques com autoridades, estes são alguns ingredientes de uma imagem que traduzia a fúria radical da contestação de uma parcela da juventude internacional. (PEREIRA, S/D, p.95).

Os Rolling Stones foram os percussores da utilização de etimologias e simbologias místicas para canalizar o ódio e toda a rebeldia de uma geração, ou seja, eles apresentaram um rock mais denso com temáticas antagônicas aos seus compatriotas roqueiros. Os Beatles, por exemplo, cultivavam a imagem de bons moços, porem, rebeldes. Já os Stones eles cultivavam a rebeldia anárquica.

Nessa mesma guinada rebelde crítico-existencial, bandas como: The Who, Led Zeppelin, entre outras, gradativamente, vieram se tornar ídolos daqueles que não se adequavam dentro dos padrões estipulados e agregados por terceiros (cultura dominante), assim como também, Bob Dylan como salienta Pereira:

Ao longo de sua trajetória nas décadas de 60 e 70, Dylan desempenhou o papel de uma figura extremamente polêmica, capaz de gerar os protestos mais radicais por parte de seu público, ao mesmo tempo em que era tomado como um verdadeiro mito. (...) Dylan começa, a se afirmar como cantor e porta-voz da Nova Esquerda, como o grande cantor da protest song. (PEREIRA, S/D, p.91).

Assim como Bob Dylan, os Rolling Stones também foram importantes para que a bandeira do rock que já tornara sinônimo da contracultura, e da rebeldia fosse disseminada por toda parte.

Mas apesar da força e da importância do papel que tiveram grupos como os Beatles e os Rolling Stones ou um compositor/intérprete do porte de Bob Dylan, o panorama da música jovem dos anos 60 e começo dos 70 certamente engloba uma quantidade incrível de outros nomes que seria difícil listar aqui. The Mama's the Papa's, Genesi, Yes, Deep Purple, Led Zeppelin, Animals, The Who, Pink Floyd, Mothers of Invention, Jethro Tull, são apenas algumas referências dentro de uma enorme série. (PEREIRA, S/D, p.99).

Hendrix e Janis Joplin se tornaram um marco na evolução da contracultura, devido seu grande poder de arrebatador multidões, tanto quanto, pelo destaque de suas singularidades, como também, por transmitir por suas atitudes valores pregados pelo movimento que estava agregado a contracultura e disseminar nos integrantes da mesma o elemento, que os mantinham incorporados: a catarse e filosofia (o pensamento crítico-revolucionário) agregada, tanto quando o sublime em forma de elementos musico-sensorial, que possibilitaria extrapolar os limites da realidade, construindo assim, a entidade que se intitulava: contracultura.

Enquanto Janis Joplin interpretava os sentimentos da época através de seus blues, cantados com voz rouca e lancinante – chegando mesmo a ser tida como a cantora favorita dos Hell's Angels -, Hendrix o fazia através de uma habilidade toda especial no uso da guitarra elétrica. Nas suas mãos, todos os sons possíveis e impossíveis deste instrumento eram radicalmente explorados, incluindo-se mesmo o uso deliberado da distorção como elemento musical. (...) uma excelente amostra de tudo isso que vem sendo dito é, por exemplo, sua apresentação no Festival de Woodstock, nos Estados Unidos, no ano de 1969. (PEREIRA, S/D.p. 99).

Artistas como os que já foram citados, assim como também: The Kinks abordavam temas relacionados à sexualidade, a rebeldia e o amor de forma não ortodoxas, agregaram um novo olhar na representação musical, foram uma das bandas que apresentaram essas temáticas para o mundo, porém, o que mais diferenciava era a influência que a banda agregou para construir sua identidade musical. Encontram-se influências do: rhythm and blues, music hall britânica, folk e country, e graças a essa hegemonia de influências é que, posteriormente, segundo Tom Leão (1997) ela (The Kinks) se tornou um pilar para que outras bandas com novos estilos surgissem, abrindo ainda mais o leque de possibilidades no âmbito da música.

Foi na virada da década de 60 para 70 que o termo heavy metal foi oficialmente incorporado e passou a definir, dentro do meio musical, as bandas de rock mais barulhentas, até para separá-las do pop. Mas antes que se chegasse a uma conceituação desse tipo de rock e que, assim, fosse aceito como gênero, algumas bandas proto-metal, como; The Who, The Kinks, The Yardbirds e Cream (...) já faziam esse tipo de barulho, (ainda) indefinido, mas com estilo. (LEÃO, 1997,p. 14)

Os The Kinks abordaram temas como os relacionados aos travestis (direcionados também ao homossexualismo), que eram jogados pra escanteios, por se tratar de um assunto assimilado como tabu para aquela época. E contribuíram para que as variáveis da música se tornassem sempre uma reconstrução da construção musical, pois, suas influências transformaram e ainda transformam o meio musical. Uma apresentação que teve sua importância com um marco dentro da cultura da contracultura foi a apresentação de Hendrix, que teve início com o tema The Star Spangled Banner (o hino dos Estados Unidos da América), terminando com uma de suas canções mais célebres Purple Rain.

Foram inúmeros esses festivais e tiveram lugar, especialmente, nas mais diferentes cidades dos Estados Unidos e da Europa. No entanto, pelo menos dois deles, pela importância que

tiveram enquanto marcos não apenas da música, mas do movimento de contracultura como um todo, exigem uma referencia especial – Woodstock e Altamont. (PEREIRA, S/D.p.100).

Segundo Pereira (S/D, p.101), “realmente, o que se configurou durante aqueles três dias foi a ‘nação’ de Woodstock, outro país, outro mundo, onde o lema é ‘proibido proibir’”. Segundo palavras ainda do mesmo autor, ele suscita que: “mas, com todas suas contradições, estes e outros festivais de música foram, os grandes momentos de atualização da utopia da contracultura: da transformação, da revolução aqui e agora”. E, nesse sentido, a música, ou melhor, o rock, desempenhou um papel fundamental.

São desta época as grandes marchas pacifistas contra a guerra ou pelos direitos do cidadão, as passeatas hippies com seus slogans alegres, sua música, suas cores e seus toques de orientalismo e os sit-ins dos jovens estudantes de universidades americanas e europeias. (...) neste período, talvez seja a intensidade com que toda a agitação político-cultural de caráter novo aglutinava grupos sob certos aspectos tão diferentes como Hippies, negros e aqueles estudantes que representavam os começos de uma nova esquerda. E tudo isso, diga-se de passagem, com muito rock ao fundo, o som que afinal de contas, havia realizado a mais radical fusão da música branca com a negra. (PEREIRA, S/D. p.104)

É perceptível a qualidade transformadora da música, aqui nesse caso especificamente o Rock and Roll. O mesmo se tornou como se pode constatar, um elemento que suscitava a vontade no interior dos jovens, isso levava os mesmos, a criticar, a pensar e refletir sobre as coisas e sobre tudo que estava acontecendo ao seu redor.

O amálgama que foi a junção da musica negra (blues and Jazz) com a música branca, até se consolidar nessa entidade representativa que pode ser escutada hoje, vem carregada não somente de uma qualidade e polissemia sonoro-sensorial, mas possui como pano de fundo todo um contexto historicosocial, que a qualifica e a sedimenta como um viés que, além de desenvolver a criticidade no âmago de quem se insere nele, proporciona também, o prazer inenarrável de se escutar uma musica que possui em seu íntimo todo um recorte da historia de uma geração.

2. Contracultura: Tropicália – MPB

Aqui no Brasil encontra-se a essência contracultural, na representatividade do movimento que causou uma “descharacterização” do que era a MPB. A música popular brasileira possuía padrões que foram alternados e, a tropicália se consolidou como elemento (movimento) desagregador das características, que se consolidaram, ortodoxamente, na música popular brasileira.

Foi em seu seio que se organizaram, por exemplo, várias facções de esquerda no Brasil que lutaram contra o regime militar e o capitalismo selvagem por ele representado e que, tanto aqui quanto em outros países da América Latina, se projetou uma sociedade mais justa, uma vez que a modernização globalmente em curso não representou para a maioria da população senão a continuidade da exclusão e da miséria. (CAPELLARI, 2007.p.05)

Conseqüentemente, devido à era Vargas (1964) consolidou-se aqui no Brasil, paradigmas conceituais de uma não aceitação da estrutura cultural vigente, ou seja: uma contracultura. Um dos principais fatores que influenciou a consolidação da mesma foi a alta repressão que era desencadeada pelo regime militar, que contou com o aparato político e militar que suprimia qualquer forma de oposição por meio da violência institucionalizada, um exemplo disso foi o famoso AI-5.

Os artistas brasileiros fizeram uma releitura de artistas como: Beatles, Bob Dylan entre outros que, se consolidaram no universo musical por seus ideais contraculturais e/ou revolucionários. Essa agregação ocasionou nos anos 60 um abalo estrutural nas consolidações estéticas da música brasileira. E trouxe a tona artistas como: Tom Zé, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Geraldo Vandré, Os mutantes, Torquato Neto, Chico Buarque entre outros, que possuíram importância ímpar naquele contexto social e, até nos dias atuais ainda possuem devido sua unicidade artística, assim como, pela profunda mudança principalmente idealística no íntimo do pensamento musico-brasileiro.

Para Capellari (2007, p.9), “o tropicalismo pode ser considerado como: ‘a porta de entrada’ para uma estética que contém, em seu bojo, elementos conceituais oriundos da contracultura”. Pois, estava direcionado para que o movimento da tropicália fosse um movimento ‘libertador’, no mínimo dos paradigmas que eles queriam desarraigar daquela esfera cultural.

Nessas condições, as formas pelas quais a contracultura se difundiu no Brasil foram bastante peculiares, não podendo contar com um dos elementos que a distinguiram nos EUA e na Europa: as grandes manifestações coletivas de repúdio ao sistema, limitando-se, assim, à incorporação de um novo “estilo de vida”, a partir de seus referenciais estéticos e intelectuais introduzidos por intermédio das artes plásticas, da literatura, da música e de jornais alternativos, como O Pasquim. (CAPELLARI, 2007.p.09)

O movimento tropicalista foi “vivido” de forma intensa, porém, por apenas uma pequena parcela que participou do mesmo. Essa pequena parcela era constituída primariamente por; Caetano Veloso e Gilberto Gil, posteriormente por Tom Zé, Geraldo Vandré que pregavam o “é proibido proibir”, e com essa visão alguns dos artistas chegaram a ser deportados do Brasil. Quando Capellari afirma que, os paradigmas tropicalistas abriram a porta para que o “vírus” da contracultura se anexasse a cultura vigente, é pelo fato que, mesmo sem o grande agregamento de multidões como acontecia nos USA e na Europa, precisava-se que ocorresse uma mudança.

A contra cultura foi a última manifestação de alcance universal do século XX. Daí em diante, desde 1968, sucederam-se movimentos de afirmação de particulares, nacionais ou regionais, e das minorias e setores específicos da sociedade. A cultura jovem segmentou-se e fragmentou-se em tribos e tendências: punks, góticos, neo-hippies; a militância política de esquerda, em tendências, facções, conventículos (WILLER, 2009, Pg. 110).

A abertura que o movimento tropicalista (caracterizado como um movimento de afirmação-transformação) trabalhava, não era tratada como uma tomada de poder, um levantar de novos líderes, mas sim, o que outrora os hippies já se utilizavam, que era o termo drop out. Que consistia segundo Capellari (2007,

p.74) “era um cair fora do sistema”, era se colocar em uma posição que te caracterizaria como uma peça que não era fundamental para o funcionamento do sistema (dominante), mas sim, na infiltração nos interstícios da realidade dominante. Em outras palavras, era apresentar alternativas de se viver e de olhar toda a estrutura que se consolidava a vida (isso tanto em termos sociais quanto culturais).

Artistas como: Chico Buarque e Tom Zé são os representantes com uma profunda agressividade da exposição temático-ideológica, pois, trabalham temas que até outrora eram considerados tabus na sociedade brasileira vigente. Chico Buarque, com sua música “Construção” faz uma crítica densa e severa mostrando a vida miserável e escravizada que o proletariado levava em uma época, cujo desenvolvimento econômico estava em sua “potencialidade”.

A música constitui-se por uma crítica direta a mecanicidade que os seres humanos haviam caracterizado em sua existência, e seu valor dentro de uma sociedade capitalista, ou seja, apenas uma engrenagem, outro fator que é o resultado do valor daquele indivíduo na sociedade, é que sua morte apenas teria atrapalhado o transito e nada mais, seria substituído de forma mecânica por outro, para assentar os tijolos que ficaram, ou seja, dar continuidade ao “progresso” – trabalho mecanizado –.

Tom Zé com a obra: Grande Liquidação (1968) transmitiu traços e característica primária do movimento da tropicália, sendo que, suas canções eram um forte expoente do imaginário tropicalista, porém, o mesmo continuou e as agregou a vertente da experimentação musical, transformando suas músicas em uma viagem delirante (no nível sonoro-rítmico) e altamente críticas (nas ideias subliminares que suas letras possuem).

Assim, os artistas do movimento tropicalista tiveram suma importância no quesito de abrir as portas, e o leque de possibilidade para serem explorados na música brasileira, e desmascarar aquela face que o militarismo e o capitalismo selvagem havia agregados aos prefácios da música e da cultura brasileira, assim como salienta Santos:

Ainda segundo a análise geral do tropicalismo feita por Favaretto, esse movimento realizou uma “revisão das manifestações críticas” decorrentes do golpe de 1964, visando à anulação das respostas anteriores. Diz o crítico que eles buscaram articular uma nova linguagem da música pela tradição da MPB e pelos elementos oferecidos pela modernização, desarticulando as ideologias. Nessa linha, Favaretto conclui que a mistura tropicalista evidenciou-se como uma forma particular de inserção histórica no processo de revisão desenvolvido desde o início dos anos 60, apresentando-se como uma resposta desconcertante à questão das relações entre arte e política. (SANTOS, 2010,s/n)

A tropicália foi um desígnio (movimento) consciente para música brasileira. Ou seja, o que eles suscitaram na música brasileira, era o levantar da mesma catarse Aristotélica que outrora suscitava as transformações tanto na América do Norte (USA) quanto na Europa. As principais características que os artistas passavam estando assimilados pelo movimento eram: a paródia, a ironia, o senso de humor cáustico, a fragmentação, a dissonância e a mistura, coisas que outrora, não existia, pois, a música brasileira ainda não teria presenciado tais fatores em sua gênese e/ou íntimo, principalmente, pelas interferências de fatores culturais, como também, por ser uma nação que estava em pleno desenvolvimento sociopolítico.

Na década de 60, com o país governado pelos militares, o Brasil se via com uma fração estigmatizada de jornalismo de resistência. E a posteriori com a fase de "oclusão" do país, a partir do AI-5, a indústria cultural atendia a um segmento da sociedade que estava avesso (alienado) à situação política e social daquele contexto, mas que gozava dos privilégios de consumo obtidos com os primeiros tempos de "progresso econômico".

O país apresentava farta expressividade de desenvolvimento, porém, nem tudo soava como milagre. Não havia espaço para a contestação da sociedade, que sofria com uma violenta censura. E a produção cultural do país sofria com o cerceamento da liberdade de expressão, com uma violência que não saía nas páginas jornalísticas, e nem, principalmente, eram ditas na televisão (maior veículo de informação da época), que começava a se tornar um veículo de massa.

Todos que fragmentavam o tropicalismo e/ou os simpatizantes com o movimento transformaram a esfera cultural brasileira, como por exemplo, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Tom Zé e outros, possuíam uma visão combativa e tiveram seus reconhecimentos como artistas. Apesar das constantes perseguições que sofriam, sendo que, Caetano e Gil foram extraditados e tiveram que morar um tempo no exterior. Porém, isso não fora algo todo ruim, pois eles puderam ser influenciados por todas as influências contraculturais que já vigorava na América do Norte como na Europa e, realmente concretizar o que foi a abertura da contracultura aqui no Brasil, ou seja, a tropicália, assim como salienta Veloso.

(...) o Antropófago, desenvolve e explicita a metáfora da devoração. Nós, brasileiros, não deveríamos imitar e sim devorar a informação nova, viesse de onde viesse, ou, nas palavras de Haroldo de Campos, "assimilar sob espécie brasileira a experiência estrangeira e reinventá-la em termos nossos, com qualidades locais ineludíveis que dariam ao produto resultante um carácter autônomo e lhe confeririam, em princípio, a possibilidade de passar a funcionar por sua vez, num confronto internacional, como produto de exportação" (VELOSO, 2012, Pg. 54).

Em 1968 as primeiras canções (obras) de sucesso começaram a mostrar uma música voltada ao discurso das "raízes brasileiras", mantendo segundo os próprios compositores (Caetano e Gil), a linha evolutiva da bossa nova, porém, aplicando às composições a essência da psicodélica da contracultura americana, com a inclusão de guitarras elétricas e uma ritmação (movimento rítmico) totalmente antagônica ao que vigorava até aquele presente momento, um elemento mítico da cultura jovem estabelecida a partir do pós-guerra.

Assim como ocorreu nos Estados Unidos e na Europa, a música popular, em particular o rock, fornecia uma linguagem e um contexto (recursos) para a circulação de atitudes e práticas contraculturais no Brasil, pois, a referencia para se galgar o movimento tropicalista eram as bandas precursoras já citadas anteriormente. Sendo que, esses movimentos de contracultura haviam começado anteriormente tanto nos Estados Unidos quanto na Europa.

Quando as vaias soaram no auditório, junto com as primeiras bombinhas que estouraram perto da mesa dos debatedores, eles perceberam que haviam caído em uma armadilha. (...) Com uma recepção tão amistosa, o circo já estava armado para pegar fogo. Não foi atoa que, ao noticiar o evento, na edição daquela quinta-feira, a Folha de S. Paulo antecipara a temperatura no auditório da FAU: "Dizem que vai esquentar". (...) Amor ou ódio. Extremos desse tipo marcaram, de modo geral, as críticas a Tropicália ou Panis et Circenses, o disco-manifesto tropicalista, que chegou às lojas no final de Julho (CALADO, 2004, Pg.199-204).

Os tropicalistas foram os primeiros a fazer experiências com guitarras fortemente amplificadas e distorcidas, características do rock ácido e psicodélico, assim como comentado por Calado (2004), que já se encontrava concretizado como uma das primarias ferramentas da contracultura no exterior. As etapas eliminatórias do Festival Internacional da Canção de 1968, forneceram o contexto para um primeiro "happening" musical contracultural instigado por Caetano Veloso e Gilberto Gil, se tornando cenário perfeito para apresentação das ideias revolucionárias que os mesmos traziam em suas obras.

Assim como as bandas The Kinks, The Who, The Rolling Stones, Led Zeppelin entre outras, que se tornaram subsídios fundamentais para que os movimentos contraculturais nascessem e se proliferassem devido à alta disseminação cultural, que as mesmas levavam e traziam o movimento do tropicalismo; também teve forte influencia na construção do caráter musico-cultural (crítico) do país, pois; permitia que os fatores contraculturais se fizessem presentes no cotidiano brasileiro, arraigando assim, aquele espírito rebelde e contestador (crítico-existencial), em outras palavras, a criticidade espiritual, que já se encontrava em plena ebulição conceitual no exterior.

Isso abre as portas e possibilita que a cultura não se tornasse estanque e/ou fosse manipulada por uma minoria em favor da mesma, pelos gostos da mesma e, imposto para o todo (sociedade), como se aquela vertente fosse a única correta a ser vivida.

Considerações Finais

Em suma, são notáveis as duas correntes (MPB e Rock) como formas de criticar a realidade. É perceptível o que ambas possibilitaram, e ainda possibilitam um aumento no nível de criticidade dos indivíduos que estão inseridos dentro das tais esferas, porque as mesmas possuem raízes profundas dentro da representatividade sociocultural. Isso quer dizer que, ao se resgatar todo esse processo evolutivo historicosocial, e direciona-lo para a música que é uma entidade artística que mais sensibiliza o âmago do ser humano, justamente por ser sensorial, obtém-se uma ferramenta que abre às potencialidades de cada um que está conexo a mesma.

Ambos os movimentos artísticos se consolidam em uma forma realística de se criticar a realidade, que se encontra em curso abrindo os olhos e o leque de alternativas para se enfrentar a árdua tarefa que é viver em sociedade. As potencialidades que existem nas vertentes já mencionadas, se constituem férteis, justamente, porque existe um universo sociocultural que as ampara não de forma superficial, mas propicia as mesmas, a possibilidade de se trabalhar a criticidade em um patamar concreto.

Esse elemento histórico que ambas possuem as prendem a um passado, um presente e direciona-as para um futuro. Esse elemento desvincula profundamente a abstratividade, e, sedimenta um terreno frutífero

de possibilidade de olhares e análises teóricas. Direcionado e consolidado a crítica da realidade por meio da música até a sua forma mais concisa.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mario de. **Pequena História da Música**. São Paulo. Ed. S.A. 1944.

CALADO, Carlos, **Tropicália: a história de uma revolução musical**. São Paulo. 3º reimpressão. 2004.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel**. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14052008-132129/en.php>. Acesso em 01 de Nov. 2014.

FARACO, Alberto. **Linguagem & Diálogo**. Parábola. 2009.

LEÃO, Tom. **Heavy Metal: Guitarras em Fúria**. Editora 34. São Paulo. 1997.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. São Paulo. S/d.

SANTOS, Daniela Vieira dos. **Os Mutantes e a Tropicália: experimentalismo e contracultura**. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci/debate/160610-danielavieiradossantos.php>. Acesso em 19 de Nov. 2014.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. Circulo do Livro. S/d.

VELOSO, Caetano. **Antropofagia**. São Paulo. Penguin Classics Companhia das Letras. 2012.

WATTS, Alan. **A cultura da contracultura: os transcritos editados**. Rio de Janeiro. Fissus. 2002.

WILLER, Claudio. **Geração Beat**. Porto Alegre, RS. L&PM. 2009.